

“O NORDESTE CHICOTEADO”

Venho de ler um livro, cuja leitura toma a liberdade de recomendar aos leitores de “O Farol”, pois o seu conteúdo é de palpitante interesse para os conterrâneos da região São-franciscana, para os habitantes do nosso sertão e para todos os que gostam de estar informados sobre os assuntos nordestinos.

Intitulado “O NORDESTE CHICOTEADO”, a obra poderia trazer como subtítulo a expressão: “Reminiscências de pau-de-arara”, talvez até preferível como título, pois trata-se de uma autobiografia em que, o seu autor, Bartolomeu de Andrade Silva, dotado de uma inteligência vigorosa pragmatista, de uma memória privilegiada e de um temperamento vibrátil, fotografou toda a sua atribulada e heróica vida, a partida da infância duríssima, passada em contacto com a rudeza do campo e no trato de animais de criação, vale dizer, em contacto com o sofrimento secular da terra, atravessando uma mocidade errante e cheia de lances cruéis, até chegar à idade adulta, quando, depois de escoraçado de seu torrão natal pela tremenda seca de 1932, de execranda memória, foi lutar no interior de São Paulo pela sobrevivência de sua família.

Bartolomeu de Andrade Silva nasceu na antiga fazenda, hoje povoado do Lago, no Município de Casa Nova (Bahia), filho de modesto fazendeiro que lutou bravamente pela existência de sua gente, formada de família numerosa. Seu pai ficou importante existência de sua gente, formada de família numerosa. Seu pai ficou importante porque construiu na fazenda uma capela e um cemitério. Era bom católico. De passagem quero lembrar que não é esta a primeira vez que o Lago surge citado em destaque numa publicação. Antes de fazê-lo lembrado seu filho escritor, o topônimo Lago apareceu várias vezes no famoso relatório da memorável. “Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás” pelos célebres cientistas Drs. Artur Neiva e Belizário Penns. O Lago foi o único lugar do Município da Casa a ser visitada, em 1912, dia 22 de abril precisamente, pelos ilustres médicos brasileiros do Instituto Osvaldo Cruz que lá fizeram observações sobre as condições de vida dos moradores, a água, a flora, doenças humanas e de animais, e insetos transmissores de doenças, não deixando de referir-se a “uma capela feita de taipa”. É um privilégio que tem o Lago de figurar na literatura científica do País, pelas mãos dos notáveis sábios de Manguinhos.

O contexto de sua estória é um rosário de sofrimentos, de lutas inglórias e de coragem para enfrentar as dificuldades e os perigos que se lhe antepunham. É um exemplo de destemor, de vontade indômita de afastar todos os óbices do seu caminho. Não é propósito meu, neste comentário, esquadrihar o trabalho autobiográfico de Bartolomeu Andrade Silva, mas apenas destacar algumas indicações que possam aguçar a curiosidade dos leitores.

Deixando o lar paterno, Bartolomeu foi trabalhar na casa comercial do saudoso amigo Francisco Jose de Araújo (Doxa), na antiga Santana do Sobradinho, hoje Sobrado, iniciando assim, a sua peregrinação pelos atalhos da vida... Depois foi trabalhar nas obras de construção da Estrada de ferro Petrolina-Terezina, em Pau-Ferro e Rajada. Tornou-se em seguida vendedor ambulante, porém essa nova profissão deu ensejo a que se transformasse em mestre-escola das fazendas da região. Perambulou por Petrolina, Juazeiro e Bonfim. De Bonfim seguiu para Salvador, de lá para Jequié a fim de trabalhar na estrada Nazaré e Jequié, foi contratado pela Empresa Dolabela Portela

Retornou a Bonfim, depois para Petrolina e depois seguiu para o Piauí acompanhando um amigo que oi vender fumo em corda. Sempre nômade, assim como nasceu com a alma de turista, em 1924 foi para Salvador, viajando a pé para ser soldado de Polícia. Foi uma das experiências mais dramáticas, participando de lutas de Lavras Diamantinas, no tempo de Horácio de matos, este é dos capítulos mais marcantes do livro. Depois viajou para o Rio de Janeiro entrando para as filas do exército, em Petrópolis, não demorou muito, pediu baixa. Em 1929 partiu para Salvador e de lá para o Lago, a fim de rever a sua terra natal e a sua família, seu pai já havia falecido. A horripilante seca de 1932, o colheu em cheio, não suportando foi com a família, como flagelados, para Casa Nova, ou para qualquer lugar onde a vida fosse possível. A descrição que o autor faz dessa trágica retirada, do Lago até Januária, onde foi feito um estágio, é um desfile impressionante de sofrimento, de angústia e de miséria, este foi um relato mais doloroso que já tive. As peripécias da permanência em Januária (Minas) fez com que apressasse a fuga para São Paulo, a “Canaã”.

Prossegue a luta do nosso herói, dura e sofrida, como sempre, agora mais trágica e cruel porque fora ferido e prostrado por uma doença ingrata – a tuberculose. As páginas em que descreve as batalhas travadas pelo seu tratamento e sua recuperação são dignas de um A. J. Cronin, de “A Cidadela”. Viu-se, posteriormente, enredado nas malhas da política, elegendo-se em 1947, vereador do município de Piraju, pelo distrito de Timburi, onde ele residia. E, 1948 desfecham uma campanha em prol da emancipação de Timburi e consegue elevá-lo a Prefeito. Amargou no caso uma derrota, sendo vetado pelas raposas políticas, sob o fútil argumento ou pretexto de que ele era um ex-tuberculoso.

Este pálido e superficial roteiro da obra de Bartolomeu de Andrade Silva está muito longe de dar uma idéia do seu conteúdo. É preciso lê-la para se ter conhecimento dos fatos narrados com um invejável poder descritivo, uma minúcia que somente a sua prodigiosa memória poderia gravar.

È uma pena que a casa impressora do livro não tenha evitado os numerosos erros tipográficos, e a editora se descuidasse de fazer uma revisão para expurgar os vários defeitos apresentados. Mesmo assim, a obra é digna de ser lida e conhecida. Seu autor é um memorialista de mérito.

Traduzido do Jornal “O Farol” de 29/09/68.

Por Dr. Raimundo Estrela